



UFRJ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – CFCH

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

A VISÃO DAS FAMÍLIAS SOBRE A INSERÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Taís Souto Rosas

Orientadora: Prof^a Dr^a Deise Arenhart

Rio de Janeiro

Julho de 2016



UFRJ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – CFCH
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

A VISÃO DAS FAMÍLIAS SOBRE A INSERÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Taís Souto Rosas

Monografia apresentada à Faculdade
de Educação da UFRJ como requisito
parcial à obtenção de título de
licenciada em Pedagogia

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Deise Arenhart

Rio de Janeiro

Julho de 2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – CFCH
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

A VISÃO DAS FAMÍLIAS SOBRE A INSERÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Taís Souto Rosas

Monografia apresentada à Faculdade de Educação da UFRJ como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

Aprovada em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA:

Profª Drª Deise Arenhart

Profº Drª Daniela Guimarães

Profº Drª Núbia de Oliveira Santos

Rio de Janeiro
Julho de 2016

Dedico este trabalho à toda minha família, amigos e mestres da graduação, principalmente minha mãe, que sempre me impulsionou a lutar pelos os meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço à minha família, que sempre me ensinou a priorizar os estudos na minha vida, principalmente meus pais que lutaram comigo nesta caminhada, acordando cedo e dormindo tarde, na espera de um futuro melhor para sua filha. Sem essa força, eu jamais alcançaria o meu sonho. À minha avó Paula por toda oração e minha falecida avó Gilda, que onde quer que esteja, está sorrindo e me protegendo por cada conquista, a minha madrinha Cassia e tia Elaine por cada conselho relacionado a minha formação.

Agradeço a minha orientadora Prof^a Dr^a Deise Arenhart por toda compreensão, carinho e paciência no decorrer do meu trabalho. Aos meus professores da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Dr Reuber Gerbassi Scofano e Dr^a Ana Paula de Abreu Costa de Moura, por seus esforços e contribuições à minha formação, e por aflorar em mim a vontade de lutar pela Educação em cada aula.

As minhas amigas de graduação que estiveram ao meu lado todos esses anos. Então agradeço à Juliana pelas intensas conversas sobre amizade e o futuro da nossa carreira, à Vanessa por me ajudar e motivar em cada momento, à Mariana por estar comigo no trabalho e na faculdade, e Luana, pela oportunidade de ter conhecido. Esta foi a amizade que eu formei para o resto da minha vida, e mesmo quando longe, vocês estarão no meu coração.

E não posso esquecer de Deus, que me ajudou a ter forças e me protegeu por todos esses anos.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo central refletir e analisar o que as famílias pensam e como vivem o processo de inserção dos seus filhos na creche. A metodologia está pautada na pesquisa qualitativa e os dados foram construídos por meio de entrevistas semiestruturadas com seis mães de uma turma de crianças de 2 a 3 anos de uma escola privada do município do Rio de Janeiro. Ao ouvir as famílias, destacaram-se aspectos que favorecem e outros que dificultam o processo de inserção. Como aspectos que favorecem destaca-se a boa comunicação com a escola, a confiança nas educadoras, o espaço ser pequeno e acolhedor, o processo ser progressivo. Como fatores que dificultam o processo destacamos o tempo e as regras rígidas estabelecidas pela escola. Salienta-se a necessidade da documentação e novos meios de diálogo para fortalecer os laços entre as famílias e a escola.

Palavras-chave: Inserção, Educação Infantil, Família, Criança.

SUMÁRIO

Introdução	8
Capítulo 1: A inserção na Educação Infantil	11
1.1 As famílias, inserção e a creche: conflitos	15
1.2 A inserção na escola pesquisada	19
Capítulo 2: A inserção na Educação Infantil: o que sentem e pensam as famílias	21
2.1 Motivos da escolha: afinidade com o projeto da escola	22
2.2 Inserção: festa para uns e dificuldade para outros	24
2.3 Críticas e Sugestões	27
2.4 Inserção, um processo permanente	33
Considerações Finais	36
Referências	38
Anexo	39



UFRJ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – CFCH

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

A VISÃO DAS FAMÍLIAS SOBRE A INSERÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Taís Souto Rosas

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Deise Arenhart

Rio de Janeiro

Julho de 2016



UFRJ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – CFCH
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

A VISÃO DAS FAMÍLIAS SOBRE A INSERÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Taís Souto Rosas

Monografia apresentada à Faculdade
de Educação da UFRJ como requisito
parcial à obtenção de título de
licenciada em Pedagogia

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Deise Arenhart

Rio de Janeiro

Julho de 2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – CFCH
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

A VISÃO DAS FAMÍLIAS SOBRE A INSERÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Taís Souto Rosas

Monografia apresentada à Faculdade de Educação da UFRJ como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

Aprovada em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA:

Profª Drª Deise Arenhart

Profª Drª Daniela Guimarães

Profª Drª Núbia de Oliveira Santos

Rio de Janeiro

Julho de 2016

INTRODUÇÃO

O problema e sua justificava:

O interesse pelo tema inserção surgiu quando eu comecei a trabalhar com a Educação Infantil há três anos. O meu maior desafio foi aprender a lidar com esse grande momento na vida das crianças, como a entrada para a escola, o convívio social com novas pessoas, nova rotina e a despedida da família.

A inserção é encantadora a cada dia que passa, pois é um grande momento de troca entre escola, família e criança. A escola se torna a ponte para esse novo mundo social, fazendo que o desconhecido não se torne tão ameaçador, e mostrando para a criança que existe um novo espaço na sua vida onde possa aprender e ser feliz. Estar falando sobre inserção é interessante analisar o quanto a escola se sente gratificada pelo resultado do trabalho, ainda mais quando há uma confiança da família neste trabalho. Observar e perceber que cada criança tem o seu tempo é muito importante, ainda mais quando o ambiente escolar se torna mais seguro e encantador para estes seres tão pequeninos que estão chegando.

A escola e família precisam estar unidas neste momento de inserção da escola. Cada uma sabendo suas funções, sem criar conflitos entre elas. Por exemplo, os pais devem estar certos da decisão da instituição neste primeiro momento, logo, é necessária a confiança com os educadores.

A escola, com a participação dos pais, organiza, em seu projeto político e pedagógico, um modo de conceber a educação das crianças pequenas e oferecer práticas de vida coletiva, sem se descuidar das singularidades de cada família, de cada bebê e de cada profissional. Na escola de educação infantil, espaço público de educação coletiva, as práticas de cuidado e educação de bebês tornam-se um importante campo de estudos, debates e tomadas de decisão que necessitam estar contemplados nos projetos pedagógicos. (BARBOSA, 1998, p. 4)

Mas uma primeira questão a se encarar neste processo é: Como os pais se sentem neste período de inserção dos filhos na escola? Muitas vezes a insegurança é um empecilho, mas também bastante natural, pois estão depositando na escola a confiança

em relação aos cuidados, ensinamentos e aprendizados que vão ser oferecidos aos seus filhos no seu momento de ausência. A escola tem o papel de garantir bem-estar a todos, tendo em foco a criança e como opção pedagógica oferecer uma experiência de infância intensa e qualificada.

No entanto, ainda são incipientes as experiências nas escolas de educação infantil e, principalmente, nas pesquisas, que se proponham a entender o que acontece com as famílias e como elas vivem este processo. Por isto, este trabalho está direcionado em desenvolver uma escuta para as famílias para, a partir disto, construir propostas de inserção baseadas em uma parceria entre escola e família mais fortalecida.

Escutar as famílias é buscar superar uma atitude que, infelizmente, ainda é muito presente dentre os profissionais de educação infantil: o julgamento com base em padrões idealizados de famílias que não correspondem com as reais condições de vida da contemporaneidade (MAISTRO, 1999). Diante do exposto, esse trabalho se propõe a refletir sobre o processo de inserção das crianças na escola infantil enfocando, sobretudo, no olhar das famílias acerca desse processo e acreditamos que sua relevância se justifica principalmente por essa escuta.

Objetivos:

GERAL:

- Conhecer e analisar o que as famílias pensam e sentem em relação ao processo de inserção dos seus filhos na escola.

ESPECÍFICOS:

- Refletir sobre a inserção na educação infantil e os impasses, conflitos, dificuldades que se colocam nessa relação escola e família durante esse processo.

- Entender o processo de inserção na escola pesquisada;

- Construir um espaço de escuta das famílias sobre o tema abordado.

O processo metodológico desta pesquisa implicou em entrevista com familiares de crianças que frequentam uma turma de berçário de uma escola de educação infantil da rede privada do Rio de Janeiro, onde a pesquisadora leciona. As entrevistas foram realizadas na sala de atendimento da própria instituição. A chamada para as entrevistas foram feitas na entrada da escola pela coordenadora que conversava com as mães e convidava para uma pequena conversa, logo me apresentava e direcionava os pais para a sala. Os roteiros das entrevistas foram estruturados antes, com oito perguntas elaboradas focadas nos desejos e anseios dos pais (ver roteiro em anexo). Para as entrevistas, apenas seis mães compareceram e se sentiram muito lisonjeadas em poder compartilhar suas visões sobre a escola e este momento importante na vida dos seus filhos. Para a análise dos dados, foi realizado análise qualitativa com base em leituras bibliográficas que cercam o tema.

O trabalho está estruturado de modo que, no primeiro capítulo abordo sobre o período de inserção na educação infantil, retratando principais anseios, dificuldades e conflitos travados entre a escola e a família nesse período. Ainda nesse capítulo, abordo sobre o processo de inserção na escola pesquisada. No segundo capítulo é o momento destinado para a escuta das famílias, assim, evidencio e discuto os resultados das entrevistadas com os familiares, trazendo conflitos, críticas, sugestões e concepções destes acerca da inserção.

CAPÍTULO 1

A INSERÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Até o momento de ir para a escola, a criança tem um relacionamento social restrito à sua casa, com os seus pais ou responsáveis, e a alguns familiares. Ao frequentar um novo ambiente, precisa de um período para se ambientar ao novo espaço, às pessoas e às novas relações que vão surgir. O sucesso desse processo depende do acolhimento que a instituição oferece. Na escola, a mediação do educador é determinante, pois a ele compete introduzir o novato no grupo. A criança redimensiona seus padrões de relação, seus comportamentos e suas concepções de mundo após a sua entrada na escola.

Nessa fase, as crianças estão começando a compreender que seus pais têm vida própria, de modo que não podem tê-los todo o tempo. A escola entra, neste intervalo, como uma maneira de proporcionar a elas relações pessoais com os outros que não sejam do seu núcleo familiar. Sendo assim os professores são os responsáveis pela educação dos bebês, no propósito de estar com eles, compreendê-los, acompanhar o seu corpo e escutar o que cada um precisa. Segundo Barbosa (2010), o professor tem um papel acolhedor e desafiador, e que significa estar disposto emocionalmente e fisicamente a cada movimento manifesto pela criança, o que exige deste profissional comprometimento e responsabilidade. Logo, o professor tem que criar um ambiente onde as crianças possam viver, brincar e serem acompanhadas em suas aprendizagens.

O ingresso na escola é, para a criança, uma experiência nova, cheia de ansiedades, curiosidades, desconfianças e medos, algo que não tinha sido vivido antes e, se ela não estiver preparada para enfrentar esse novo ambiente, provavelmente apresentará resistência em permanecer nestes primeiros dias na escola, momento que chamamos de período de inserção. Para a criança é difícil o fato de ter que se separar

dos pais, de ficar desprovida do convívio familiar ao qual já estava habituada, mesmo que por algumas horas apenas, para passar a frequentar um novo espaço e a lidar com novos desafios.

Os indivíduos com quem a criança estabeleceu vínculos afetivos estáveis são seus intermediários centrais, apontando e inventando qualidades para que ela lide com condutas, valores, atitudes e hábitos indispensáveis à inclusão naquele grupo ou cultura específica. A inserção é complicada não somente para a criança, mas igualmente para a família e a professora, pois gera reorganizações e modificações para todos. O modo como esse processo é vivenciado pelos envolvidos influencia e é influenciado pelos anseios da criança.

Ao longo da história da educação infantil, o processo de inserção foi, por muitas vezes, encarado pelos profissionais como sendo um período de tempo e espaço determinado pela própria escola e tinha como método fazer as crianças pararem de chorar. Para a família e o educador, esse início de escolarização também representa uma grande mudança, sendo um desafio que todos os envolvidos têm de enfrentar. É um momento delicado e importante já que a família se sente ambivalente tanto para estimular a autonomia da criança, quanto para confiar na Instituição. (MANTOVANI, 1998).

Segundo Montovani (1998) a separação dos pais em relação à criança é vivida com ansiedade devido à sensação de estar abandonando-a. Existe, assim, um sentimento de culpa por deixar os filhos com desconhecidos, que está presente muitas vezes como um fantasma, não expresso claramente, mas sentido profundamente pelos responsáveis. A família exerce uma influência muito grande na vida da criança e sua participação é fundamental em um momento tão delicado como é o período de inserção escolar. Outra questão debatida, Segundo Mantovani é: “É possível para a criança muito pequena ter outras figuras significativas de referência além da mãe e do pai?”. (Essa questão exemplifica muito os conflitos vivenciados pelos pais na inserção, os quais abordarei no decorrer deste primeiro capítulo).

Segundo Montovani (1998, pág 177),

Entendemos por figura significativa de referência alguém que a criança conheça e reconheça, com quem estabeleceu um relacionamento comunicativo, de quem saiba prever os comportamentos e de quem aceite ser cuidada nos momentos de intimidade física, de quem aceite ser consolada, mesmo não tendo com esse alguém o relacionamento exclusivo que caracteriza o relacionamento com a mãe, e frequentemente, também com o pai.

A mesma autora também chama atenção para a importância de que esse processo seja construído a partir da observação. O professor deve estar atento ao laço familiar desta criança com a mãe, como se comporta perante a família em outro ambiente até então desconhecido, e analisar a construção de diálogo da mãe com a criança para, assim, poder incorporar essas formas de diálogo e interação nas estratégias do cotidiano escolar. Esta presença familiar certamente é uma condição importante para que a criança se sinta mais alegre, motivada e curiosa para este ambiente novo e aberta para criar novos relacionamentos. Quando isso acontece, é claramente mais provável que a separação seja menos dolorosa, pois a criança terá uma referência familiar no educador.

Por isso é crucial que a educadora, observando a mãe e a criança, chegue a conhecer o tom de seu relacionamento e os costumes da criança, para poder recriar situações conhecidas que só progressivamente irão diversificando-se para criar um novo relacionamento dotado de especificidade. Portanto, trata-se de fornecer o máximo de continuidade, o máximo de âncoras sensoriais, perceptivas de imagens e hábitos, para que a criança se reconheça no ambiente, sem ser bloqueada pelo excesso de discrepância do “tudo novo”, e para que possa a seguir, estabelecer ativamente, novos hábitos e novas relações. (MANTOVANI, 1998, pág 178)

É nesta ligação cuidadosa, atenta, singular e bastante paciente que é possível criar estratégias de inserção que sejam frutos de um diálogo entre os modos das famílias e os modos da instituição. Por isso, trata-se de um processo de inserção e não de mera adaptação como comumente ainda se denomina na maioria das escolas.

Segundo Reis (2013), sobre Inserção e vivências cotidianas: Como crianças pequenas experienciam sua entrada na educação infantil? A inserção se refere a um processo de entrada de indivíduos, sejam crianças ou adultos em um determinado grupo.

A palavra “inserção” vem para substituir a denominação “adaptação” na Educação Infantil, que se refere ao período/processo em que a criança inicia seus primeiros contatos com um novo grupo e/ou escola/creche.

No esforço de demarcar as diferenças entre adaptação e inserção, a mesma autora recorre ao dicionário Aurélio de Língua Portuguesa, no qual encontra as seguintes definições:

- Adaptar v.t.d 1, Tornar-se apto. 2. Adquirir (1). T.d 3. Modificar o texto de (obra literária), adequando-o ao seu público (4), ou transformando-o em peça teatral, script, etc. P. 4 Adequar-se.
- Inserção sf. Ato ou efeito de inserir (-se). Inserir v.t.d 1- Introduzir, incluir. P. 2. Fixar-se, implantar-se. 3. Meter-se, pôr-se.

A ideia de adaptação está diretamente ligada à adequação, ou seja, o indivíduo deve se modificar, alterar-se para se tornar apto ao novo ambiente e fazer parte do grupo. No caso da inserção, as definições que chamaram atenção da autora foram: “incluir-se” e “meter-se”, deixando explícito que a palavra inserção traz para o processo de entrada do indivíduo em qualquer instituição, que a pessoa age na situação vivida, e transforma o entorno à medida que é transformada.

Assim, segundo a pesquisadora a nomenclatura foi mudada porque:

(...) se deu em função dos debates sobre concepções de infância e criança que vêm ocorrendo nas últimas décadas neste campo de pesquisa e atuação. A palavra adaptação era usada não apenas para falar da entrada das crianças nas instituições, mas para dizer que as crianças precisavam se adaptar ao mundo de modo geral. Neste caso, o mundo em que nasciam era um mundo pronto e acabado e cabia a elas adaptar-se às suas lógicas e regras ou teriam graves problemas de “adaptação” e socialização”. Assim precisavam se adaptar também à escola, que era uma das engrenagens deste mundo que já estava posto e construído ao qual deveriam se adaptar. Adaptar-se à escola trazia consigo um peso muito grande, já que a escola era esta grande preparadora de homens. Os que não se adaptavam à escola teriam problemas em se adaptar à “vida”.

Portanto, o que a autora nos ajuda a compreender é que a mudança do termo adaptação por inserção não se refere a uma simples troca semântica, mas aos sentidos que esses termos exprimem em relação à concepção de criança e educação infantil. Nessa direção, defender inserção é reconhecer que as crianças são sujeitos ativos que também modificam e contribuem para o repensar dos espaços e práticas cotidianas na creche/pré-escola. Além disso, é buscar operar com a compreensão da educação infantil como espaço complementar à ação das famílias, já promulgado na LDB/96. Nesse sentido, o diálogo com as crianças e suas famílias no sentido de inseri-las ao novo ambiente que se constitui a partir, também, da participação delas é um princípio fundamental do que estamos denominando por inserção.

1.1 As famílias, a creche e a inserção: conflitos

Segundo Barbosa (2010), uma condição fundamental para uma boa relação nesse processo é a confiança no profissional e na escola, porque a mãe se sente como se autorizasse alguém a cuidar do filho dela. Para tanto, é importante que as famílias conheçam e se identifiquem com os princípios que norteiam o projeto pedagógico e a concepção de aprendizagem. E, naturalmente, precisam acreditar nesses valores éticos, morais e pedagógicos estabelecidos pela escola.

A entrada na escola pode gerar estresse nas crianças, famílias e profissionais da educação. Por esse motivo, deve ser planejada para amenizar os conflitos nesse momento. Esse período escolar deve ser considerado um momento muito especial, sendo assim, merece reflexão e planejamento por parte de toda equipe escolar. Para que as turmas de creche e pré-escola se desenvolvam plenamente, é preciso conhecer as características de cada faixa etária e garantir que algumas experiências essenciais façam parte do planejamento. As famílias das crianças também apresentam diferentes reações, portanto faz-se necessário que o professor oriente e deixe claro qual objetivo do período de inserção.

As primeiras impressões influenciam a forma como esses pais irão se relacionar com o novo ambiente. Segundo Barbosa 2010, é preciso oferecer aos pais e

responsáveis pelas crianças, “parcerias” que complementam a atenção, o cuidado e a educação dos bebês e também um espaço para encontro e troca de informações com pessoas qualificadas para o diálogo sobre a educação dos bebês. E as famílias não podem ser vistas como usuárias de um serviço, e sim como parceiras, ou seja, co-autora do processo educacional. Afinal, de acordo com a constituição de 88, a creche é um direito das famílias e um dever do estado, não pode, portanto, ser vista como um favor e, de acordo com a LDB/96, a educação infantil acontece de forma complementar à ação da família. Assim, sendo, considerando a especificidade da educação infantil e a sua natureza de trabalhar com crianças tão pequenas – 0 a 5 anos e 11 meses – a parceria creche e família é condição essencial para a qualidade do trabalho educativo. Por isso, faz patê do trabalho da equipe de profissionais da creche atuar também junto com as famílias, sobretudo, nesse período de inserção.

De acordo com Barbosa (2010, p. 7):

A escola, por meio de seus gestores e professores, tem o compromisso de construir relações com as famílias. As relações podem ser propiciadas por distintas formas de encontro, mais ou menos formais, em situações individualizadas ou coletivas que favoreçam a escuta e as trocas, como reuniões, entrevistas, festas. Assim as famílias irão sentir-se valorizadas e reafirmadas em sua função parental de responsáveis pela educação de seus filhos.

Contudo e, como já foi afirmado anteriormente, estudos têm indicado que esse período é permeado por vários conflitos. Vejamos:

Maistro (1999), em sua pesquisa, identificou que há um “muro de isolamento” entre a família e a escola, o qual prejudica muito o vínculo entre essas instituições. Observa que os diálogos são quebrados pela intensa rotina ou por falta até de um movimento da instituição escolar para que isto aconteça.

Outro ponto observado pela autora é que as famílias mantiveram uma posição submissa em frente à instituição, algumas evidenciando até tensão quando foi feita a entrevista para conversar sobre as relações. Maistro percebe que as famílias davam a entender que estivessem “recebendo um favor” sendo que isso é direito seu enquanto cidadão.

Já na visão dos professores pesquisados pela autora os pais estão desinteressados no cotidiano escolar do seu filho, alegando que os próprios pais “não tem nada a declarar”, e só vão para levar e buscar as crianças e não se interessam em saber como foi o dia do seu filho. Fazem crítica também a falta de participação dos pais nas reuniões marcadas, o que ressalta a inexistência de um espaço afetivo.

Aprofundando a análise sobre conflitos entre profissionais da creche e as famílias, a autora ressalta que os primeiros geralmente lançam um olhar preconceituoso sobre as famílias, sobretudo, as mais pobres. Segundo a autora são percepções sobre a organização das famílias pobres, construída historicamente, que insiste em permanecer no senso comum das pessoas e das educadoras, que estão presas no conceito que identifica a pobreza como família desorganizada, carente e desintegrada.

Posturas de preconceito e julgamento das famílias também foram observadas por Mantovani (1998). A mesma discrimina essas “recriminações” em três grupos:

- A primeira refere-se à transgressão por parte dos pais, em relação ao respeito das regras da creche, em relação aos horários de entrada, uniforme pedido para o dia a dia, etc...
- A segunda diz respeito ao comportamento dos pais em relação a se afastar e confiar na educadora ou no momento de buscar. Na entrada, sempre estão apressados e ao menos se despendem das crianças e não resolvem ir embora até a criança chorar, também tem os casos pela preferência da educadora e espera a mesma buscar. E não tem a confiança na palavra do educador quando é dito que logo vão parar de chorar.
- A terceira comenta-se sobre aos “errôneos comportamentos educacionais” que fazem com que a criança adquira maus hábitos que, depois, devem ser corrigidos e administrados pelas educadoras.

Segundo Mantovani, outro aspecto bastante conflituoso no relacionamento educadora-pais está diretamente ligado as experiências emocionais das pessoas envolvidas. Primeiramente, os pais das crianças precisam aceitar a experiência de uma

de separação e distanciamento, e aceitar a terceira pessoa para compartilhar do carinho afetivo. Não há como comparar um sentimento ao outro, cada um se expressa e representa de uma maneira para criança.

A educadora, por sua vez, encontra-se em conflito, ao dar espaço a certo envolvimento emocional, no relacionamento com a criança, aquilo que sente que lhe asseguraria afeto e apego da criança, mas a colocaria em competição com o pai, e nós sabemos que uma criança não pode ter duas mães. Tudo isso, entre outras coisas, faz com que os aspectos prazerosos e emocionantes do próprio relacionamento com a criança sejam raramente explicitados tanto por parte dos pais, quanto por parte da educadora. As comunicações dizem respeito aos comportamentos da criança, mas dificilmente às próprias emoções. (MANTOVANI, 1998, pág 171).

Ou seja, pais e professores quase não expõem seus próprios sentimentos e conflitos emocionais neste processo, falam mais sobre os anseios das crianças do que os seus próprios. O professor se sente na obrigação de acolher esta criança, preocupa-se em como conquistá-la e trazê-la para o grupo, mas sente o medo de alguma família estar opinando e atrapalhando os seus posicionamentos diante do seu trabalho, por isso, segundo Mantovani (1998) é necessário a equipe escolar escutar suas angústias para que haja uma troca de ideias, caso aconteça algo que estará fora do seu alcance e também para melhorias.

Por outro lado, a autora também mostra que as famílias, em sua maioria, também se sentem inseguras em relação à criança e a escola, pois é um novo desafio fazer com que o seu filho se sinta acolhido e, o mais importante, feliz no ambiente escolar escolhido pela mesma. Então a responsabilidade de escolha da instituição pesa muito.

Outro receio seria a disputa da atenção e os novos laços de afeto sem ser o familiar, o que leva com que as famílias vivam o conflito de, ao mesmo tempo desejar que seu filho fique bem com outra pessoa, também sentirem certo ciúme e insegurança da perda da exclusividade do afeto.

1.2 A inserção na escola pesquisada

A escola caracterizada é privada e localizada no Bairro de Ipanema, na Zona Sul do Rio de Janeiro para um público alvo de classe média alta. A escola atende 8 turmas pela manhã e 9 turmas à tarde, na faixa etária de 1 a 6 anos.

A proposta da escola é baseada em pesquisas recentes em diversas áreas de conhecimento, incluindo, principalmente, a psicologia e a neurociência. Acredita-se, sobretudo, que a Educação Infantil tem o objetivo principal de despertar a atitude de curiosidade da criança frente ao funcionamento do mundo, desenvolvendo sua capacidade de experimentar e de fazer perguntas. O que também propõe incentivar e estimular a formação de crianças inteligentes que sejam valorizadas em sua individualidade e ritmo enquanto descobrem o mundo fazendo uso das diversas linguagens do universo infantil, a saber: teatro, mímicas, artes, pinturas, brincadeiras, música, ritmo e psicomotricidade. (PPP, Espaço de Educação Infantil Os Batutinhas)

A inserção na escola é realizada, primeiramente, com reunião com os profissionais envolvidos e, em seguida, com os pais.

Na reunião com os profissionais, é oferecida uma palestra, no dia anterior do início das aulas, com a professora experiente na área junto da orientadora educacional. A palestra tem a duração de 1 hora, explicando o método usado e como agir com os pais e com as crianças neste período de adaptação escolar. O que pode observar que a preparação dos profissionais não é muito elaborada, não há um aprofundamento do assunto, logo, aprendemos na prática do dia-a-dia, com as professoras regentes e as assistentes, que nos dão dica de como agir.

Com os pais, o processo de adaptação é iniciado e esclarecido em uma reunião de pais, também um dia anterior das aulas começarem. Neste dia as coordenadoras, diretoras, orientadoras explicam a proposta pedagógica da escola e sobre o período de adaptação, dando dicas em como lidar com os seus filhos. Lembram que a criança entende muito bem os sinais que recebe dos pais, e para que ela perceba a entrada nesse novo mundo como algo positivo, é fundamental que seus responsáveis vejam esta experiência da mesma forma. Logo após as explicações, as professoras são apresentadas e direcionam os pais para conhecer a sala de aula dos filhos e começar outra reunião, só

que dessa vez mais dinâmica. Neste momento, os pais relatam como são seus filhos especificamente, o que eles gostam de brincar, se têm apelidos carinhosos, quais músicas gostam de escutar, o que os acalmam, e com quem chegam à escola.

O processo de adaptação com as crianças começa no primeiro dia de aula, onde todas permanecem na escola por apenas uma hora, conhecendo a escola e as crianças da turma. No segundo dia, é de duas horas, onde já experimentam o lanche da escola, brincam na areia junto com as professoras, assistentes e alguns amigos da turma, tentam iniciar alguma atividade como pintura, mesinha (massinha, lego, colagem) ou escutar a história. Do terceiro dia para frente, as crianças que já se sentem mais a vontade no ambiente escolar vão se inserindo na rotina. Na outra semana é feita uma nova mostra do ambiente, e conforme todos vão se acostumando, as professoras tentam recebê-los na sala, com mesas de atividades, brinquedos a sua altura e depois brincadeiras no pátio, onde a maioria das crianças permanece no horário normal de aula.

Durante a primeira semana, os responsáveis que estão acompanhando as crianças durante o processo ficam junto a elas até que se perceba que a criança está mais tranquila com a pessoa que estava adaptando. Por orientações das coordenadoras e professoras que observam o processo de adaptação, os responsáveis são convidados a ficar na recepção ou, dependendo de cada criança, ir para casa, isso, sem se despedir, para que a criança, assim, não perca o vínculo com o professor. Depois disso, os responsáveis não acompanham mais as crianças até a sala, mesmo que apresente choro.

Nesse método de adaptação utilizado pela escola, pude observar, de um modo geral, que a adaptação acontecia de forma rápida. Todas as crianças começavam juntas e acabava influenciando uma a outra. Algumas crianças não se sentiam seguras, porque cada uma tem o seu tempo para se sentir mais segura. Em casos como esses, o choro era constante e duradouro, o que ocasionava da assistente ou professora auxiliar se retirar com a criança que chorava, ficando a professora regente com a turma na continuação das atividades. Logo após dias, a criança voltava a estabelecer confiança nas professoras e no ambiente escolar, readaptando-se.

A partir da perspectiva da inserção discutida no tópico anterior é possível problematizar, lançar questões para esse processo de “adaptação” da escola. A começar por aí: o que significa adaptar? Numa perspectiva de inserção, seria coerente determinar horas fixas para as crianças permanecerem na escola a cada dia? Seria coerente ter um

processo pré-determinado pela escola para a adaptação das crianças? Seria coerente que os pais saiam da escola sem se despedir da criança?

Além de trazer questões para refletir os processos de inserção na educação infantil à luz de alguns teóricos e estudiosos no tema, iremos, no próximo capítulo, dar visibilidade ao que as famílias pesquisadas têm a dizer sobre como vivem e pensam esse processo, objeto central dessa pesquisa.

CAPÍTULO 2

A INSERÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O QUE PENSAM AS FAMÍLIAS

Como já abordei na introdução deste trabalho, desde 2013, trabalho em uma pré-escola privada, de classe média alta na zona sul do Rio de Janeiro, durante dois anos como estagiária e agora como professora auxiliar. Já pude acompanhar duas turmas de inserção e turmas com faixa etária de 3 e 4 anos. Como eu já conheço o método usado pela escola neste momento de inserção, eu escolhi procurar entender o ponto de vista dos pais neste processo tão particular na vida dessas famílias.

Para tanto, realizei entrevistas com seis mães de uma determinada turma de 14 crianças com a faixa etária entre 1 ano e 8 meses até 2 anos completos. A escolha dessas foi feita de forma aleatória e de acordo com sua disponibilidade. A coordenadora da escola escolheu aleatoriamente na entrada os responsáveis que pudessem ter uma conversa comigo. Neste momento, me coloquei a elas como pesquisadora, esclarecendo os fins e os objetivos da pesquisa e da entrevista. As que concordaram foram as seis mães que tinham disponibilidade. Esse critério levou ao fato de eu ter seis entrevistadas e todas mães e mulheres, não tendo nenhum homem, pai ou outro familiar que tivesse vínculo ou parentesco diferenciado com a criança. As entrevistas foram no meu próprio espaço de trabalho e foram todas gravadas em áudio. Para preservar a identidade das mães não vou revelar seus nomes nesse trabalho, sendo que usarei o número da entrevista para indicar a relação com a entrevistada.

A seguir, passarei a dar visibilidade e discutir os dados da pesquisa, buscando responder as principais questões desse estudo.

2.1- Motivos da escolha: afinidade com o projeto da escola

Uma das primeiras questões feitas para as mães no momento da entrevista foi relacionada à que explicitassem os motivos por terem escolhido aquela escola.

As seis entrevistadas indicaram que já tinham uma visão positiva da escola antes mesmo de conhecê-la. A maioria delas fez a escolha por indicação de algum conhecido ou familiar cujos filhos já tinham estudado na referida escola. Além disso, as entrevistadas indicaram que a escolha também se deu pelo fato de a escola ter um projeto político pedagógico construtivista, um método que já vem há tempos atraindo muitas famílias para essa escola. Mas, o que mais chamou atenção nas respostas das mães entrevistadas foi a valorização de um olhar individualizado para cada criança, o tamanho da escola que é pequena (para muitas mães a escola, assim, se torna mais acolhedora) e a qualificação dos profissionais envolvidos desde as assistentes até as professoras.

Podemos observar nos relatos das entrevistas:

“Eu escolhi a escola “X” porque várias pessoas que eu conheço os filhos já estudavam aqui, e só tinham críticas positivas e todo mundo amava, e todo mundo achava que era um colégio pequeno, então o seu filho ia ter a mesma atenção de casa, e eu quis botar logo num colégio também, porque eu acho que a minha filha vai estar com pessoas bem instruídas” (entrevistada 1).

“A primeira coisa que mais ressaltou na escolha foi a capacidade das professoras, claro que tem as assistentes que são ótimas, mas o diferencial da escola são pessoas que pareciam mais preparadas para cuidar dele, ensiná-lo, independente do espaço, e esse foi o ponto principal” (entrevistada 2).

“Foi mais pelo método e pelo tamanho da escola, que eu gosto de um tamanho menor que se preocupe mais com a arte, que dê mais um valor para esse comezinho” (entrevistada 3).

“Indicação de uma prima minha que já teve filhos que estudavam aqui e eu sabia da reputação do colégio por amigas” (entrevistada 4).

“É, as três primas já estudaram aqui e eu já conhecia um pouco através delas, é do lado de casa” (entrevistada 5).

“Eu primeiro estava em fase de mudança, transição de São Paulo para o Rio, e o amigo do meu marido disse que a escola X era muito boa e que se conseguisse uma vaga, nós iríamos escolher, e foi por indicação mesmo” (entrevistada 6).

Pesquisas no campo da Sociologia da Educação (PAIXÃO, 2006) indicam que, geralmente para as camadas médias a altas, a escolha da escola se dá por afinidades com o projeto da escola, pois, diferente das camadas populares, esse segmento tem mais poder de escolha, ficando menos refém da vaga e das condições de acesso e permanência. Percebemos ainda, pelas entrevistas, que a indicação é o que se sobressai como principal motivo da escolha e o fato de as famílias valorizarem a escola por ser pequena parece indicar que almejam uma relação mais próxima com a escola e que têm uma preocupação com a qualidade das relações ali estabelecidas.

Segundo Guimarães (2007) apud Guimarães e Barbosa (2009, p.52):

Trata-se de considerar o espaço da creche como possibilidade de “formação da identidade, a constituição do eu no contato com o social”, entendendo que “o conhecimento de mundo acontece implicado com o conhecimento de si”. Então, o que é específico em toda instituição educativa, em particular na creche, é uma prática ligada à “qualidade dos relacionamentos, o olho no olho, a resposta aos gestos comunicativos da criança, a confirmação de seu lugar como sujeito social.

Podemos perceber no depoimento das mães que, de fato, esta instituição tem para elas a função primordial de cuidar dos seus filhos e que também educa. Valorizaram a escola deixando claro que é um espaço de confiança e segurança e também aparece o reconhecimento e a expectativa sobre o papel pedagógico deste espaço.

Contudo, como esse não era o principal foco desse trabalho, não aprofundamos na entrevista essa questão, mas entendemos que ela é importante quando pensamos nas relações entre escola de educação infantil e família. Estudos indicam que muitos dos

conflitos nas relações dessas instituições derivam de expectativas diferenciadas (PAIXÃO, 2006). Por isso, entender as expectativas das famílias é um ponto de partida para se construir uma relação satisfatória com elas.

2.2 A inserção: festa para uns e dificuldade para outros

A inserção é uma razão de bastante atenção e cuidado. É o momento de transição e de criar uma continuidade emotiva entre família e creche, onde a criança se insere ao novo ambiente, ou seja, a sua inserção em um novo mundo, onde a escola para criança é a referência de novas relações.

Nas entrevistas algumas mães relataram as dificuldades em quebrar os laços, em não poder estar com os seus filhos nesta nova caminhada. Em algumas falas podemos perceber os anseios e medos:

“É um mundo que eu não participo, que eu não sei nada, então cai um pouco essa ficha, e medo óbvio de estar fora do meu alcance. Mas assim, as poucas vezes que ela chorou, por perto sempre tinha alguém pra dar um colinho, um suporte e era tudo resolvido” (entrevistada 1).

“A gente sempre fica muito ansiosa de como vai ser a adaptação, e ele custou um pouco. Eu me senti com o coração apertado mesmo, se ele ia gostar de ficar com a turma, de se adaptar, e se adaptar a ter horário para tudo, coisa que ele não está acostumado. Uma nova rotina, e na pracinha ele fazia o que queria, não tinha essa prévia determinação de trocar de ambiente e atividades. E por mais que esteja a fim de brincar de carrinho e tem que ir para a sala de música, por exemplo, ele estranhava muito isso né? ” (entrevistada 2).

“Eu acho que a minha dificuldade foi essa da personalidade dela e por ser tímida, então nos primeiros dias ela só chorava, não queria fazer nada, agarrada em mim e na minha perna. Agora eu estou muito feliz, ela dá tchau. (...) Eu acho que a adaptação pra ela foi um pouco difícil no começo, ela demorou a entrar, eu acho que foi a última a se adaptar” (entrevistada 5).

“Pra te falar a verdade, eu acho que assim, tem uma regra já estabelecida na escola que começa em uma hora, e aumenta meia hora, eu acredito que é preciso seguir a regra, se não vira uma bagunça e dificulta. Mas por ela, ela não queria ir embora, é difícil da escola liberar isso, ir ao ritmo de cada criança, mas seria melhor que ela ficasse. Eu compreendo a regra, porque se cada pai for dizer o que acha e a escola for acatar vai ficar muito confuso pra todos os lados, então vocês criaram uma linha mais leve e tranquila; de repente agregue o maior número de aluno e adapte todos de uma vez só, e aí consegue organizar melhor. A minha filha chorou um pouco e talvez poderia ter ficado mais desde o segundo dia.” (entrevistada 6).

As três mães se questionam sobre a existência de uma nova rotina, com regras diferentes. E evidenciam que cada criança reage de uma maneira. A partir disso, podemos pensar: A escola está realmente preparada para respeitar o tempo de cada criança?

De forma sutil houve um desabafo e questionamento nas entrevistas 5 e 6 sobre o tempo uniforme para todos. Isso revela a dificuldade em lidar com o tempo da inserção. Talvez se a escola tivesse respeitado o tempo da criança e abrisse mão de suas regras ela poderia ter ficado mais tempo na escola, aproveitando mais os ambientes e criando laços mais fortes e intensos com suas professoras e amigos.

Outras mães tiveram o processo de inserção de forma mais tranquila, onde as crianças sentiam-se muito felizes em ir para escola, ressaltando a vontade de ver os amigos. As mães revelaram que foram muito parceiras das escolas, onde ajudavam na preparação com a criança para enfrentar esse momento de inserção, fortalecendo a construção com o vínculo que é o fator mais importante neste momento.

Disseram que uma estratégia era explicar para a criança a sua nova rotina e quem iria buscá-la na escola, assim, fazendo com que a criança entenda tantas mudanças repentinas em sua vida, podendo assimilar que a sua rotina de casa, sono, alimentação se reconfiguraram em função da rotina da escola. Vejamos:

“Quando tem mais amiguinhos ele ama, e foi muito fácil, praticamente, não teve adaptação na verdade, porque ele já se enturmou, e falava: “- Amiguinho, amiguinho” e já ficou super bem” (entrevistada 1).

“Dificuldade? Na verdade assim, eu estava ansiosa no sentido bom porque eu queria que ele começasse logo pra saber como ele iria reagir, se ele ia adorar. De fato, deu tudo certo, o Bernardo não teve problema algum com a adaptação e a gente ficou super feliz. A dificuldade em adaptação é nenhuma, a questão é dele ficar doentinho, mas eu sei que é “super normal”, mas é uma coisa chata, em geral não tem nada.” (entrevistada 4).

Ao entrevistar as famílias sobre este momento de inserção, por mais que algumas tenham dito: “foi super tranquilo” ou “não tive dificuldade”, no decorrer da conversa, algumas de forma tímida, outras de modo mais explícito, evidenciaram tensão neste contato durante a entrevista.

Concordo com Maistro (1999) quando ela se refere à delicadeza que é preciso ter no contato com as famílias.

Esta é uma questão tão importante e delicada, pois se refere ao “acolhimento” das crianças. São momentos que podem se constituir uma das “portas de entrada” para iniciar um vínculo de proximidade ou uma das “portas de saída” para uma relação de afastamento, desinteresse, indiferença de ambas as partes. (MAISTRO, 1999, p. 2)

Maistro (1999) chama a atenção sobre as dificuldades emocionais dos pais e professores neste período e o pouco diálogo para poder explicitá-las. Outra autora que discute sobre isto é Mantovani (1998), quando relata sobre o relacionamento entre educadora-pai-criança. Segundo essa autora os pais vivem um sentimento de culpa por

ter deixado os filhos em mãos de outras pessoas e, por outro lado, têm medo de que a educadora se torne mais importante que elas para a criança. A educadora por sua vez, também se encontra em conflito por se envolver emocionalmente com a criança, o que a coloca em “competição” com os pais. A autora também relata que, a partir das experiências das educadoras com a inserção de crianças e pais, das reuniões de pequenos grupos com as famílias, com práticas de diálogos individualizados, se fortalece ainda mais este vínculo e pode-se superar uma lógica defensiva que domina nesses relacionamentos para se construir diálogos de escuta às vezes inesperados e surpreendentes.

2.3- Críticas e sugestões

Para ouvir as críticas e sugestões das mães sobre o período de inserção foram feitas duas perguntas: O que você considera que poderia ter sido diferente no período de inserção? Tem alguma crítica e sugestão que você possa dar?

Esse foi o momento em que as mães puderam esclarecer seus verdadeiros interesses e opiniões em relação à escola neste período de inserção, e também entre outras coisas. Das diferentes opiniões, a maioria foi bastante positiva. A crítica, quando aparecia, era sutil e geralmente vinha junto de uma justificativa das ações da escola. A impressão era que qualquer crítica que pudessem fazer tivesse o significado de reclamação. Talvez pelo fato de a pesquisadora ser professora da escola, as mães tiveram mais inibição ou cuidado ao fazer a crítica, pautando-se mais nas sugestões. Vejamos:

“Exatamente, ela ia estar num grupo de gente em que ela nunca teve, solta ali, e por mais que tenha gente olhando, ela está solta, ela está fazendo um pouco do que ela quer, e isso, assim, foi a única coisa de ponto positivo. E de ponto negativo, eu não tenho nada para falar, por que assim foi maravilhoso, maravilhoso mesmo.” (entrevistada 1).

O papel desse contexto coletivo, de estar em grupo, favorece esse sentimento da autonomia da criança, a aprendizagem de gerir sua liberdade e a construção de laços afetivos. Estudos mostram o quanto esses contextos coletivos favorecem a aprendizagem da vida em coletividade, um fator que está se perdendo na atualidade.

A mesma entrevistada também expressou anseio em relação à rotina, horários e adaptação a um novo ambiente, dizendo:

“Meu receio era se ele ia gostar de ficar com a turma, de se adaptar, e se adaptar a ter horário para tudo, coisa que ele não está acostumado. Uma nova rotina, e na praticinha ele fazia o que queria, não tinha essa prévia determinação de trocar de ambiente e atividades. E por mais que esteja a fim de brincar de carrinho e tem que ir pra sala de música, por exemplo, ele estranhava muito isso né?”.
(entrevistada 1).

Esta mesma mãe também menciona a dificuldade de separação com a criança, levando a pensar em possibilidades de estratégias que incluam mais os familiares em atividades conjuntas que envolvam as crianças, professores e famílias. Isso nos remete novamente a considerar esse conflito da perda e autoridade que foi tratado anteriormente.

“É, como mãe, eu poderia ter participado mais internamente de alguma atividade aqui com ele, mas eu entendo também o lado da escola de exigir essa separação mesmo para ele se acostumar, mas é difícil, porque eu já conheço muito ele, e até cada uma conhecer, saber até uma certa hora quando é manha ou do que está precisando...” (entrevistada 1)

A terceira entrevistada foi bem clara quanto à sugestão para oferecer a escola no que tange às dificuldades no momento da nova rotina e sobre o tempo oferecido da escola para cada criança. Ela diz:

“No começo, ele teve um problema. Ah, agora que eu lembrei, o problema da sua adaptação foi à alimentação, ele é uma criança muito desconfiada para comer, ele come até bem, mas se ele ver algo que nunca comeu não vai pegar e experimentar, e sim ir com calma. Então eu tive até uma dificuldade disso, conversei com a Betina e Marcia, porque ele não comia o lanche da escola e eu sempre tinha que trazer o pãozinho dele de casa pra se sentir seguro com a comida que conhece. Então, elas me ajudaram nisso pra ir tentando e funcionou, e se eu tive alguma dificuldade, foi essa. A sugestão seria que não ficasse muito tempo na escola, eu fiquei quase 20 dias vindo aqui, vindo uma horinha. Óbvio, eu entendo que é esse o período, e eu ficava aqui me questionando o porquê, e o dele foi muito rápido, mas entendo que tem o tempo da criança e talvez tenha que ser assim mesmo. Eu sei que existem crianças e crianças, que talvez tenham ficado mais. Mas eu achei complicado, porque eu estava trabalhando, mas foi tranquilo, porque ele ficou bem e eu fiquei lendo”. (Entrevistada 3).

A terceira entrevistada relata um exemplo típico que reflete o processo de inserção, quando vai acolhendo a especificidade de cada criança, no exemplo, relativo à alimentação. A escola flexibilizou suas regras e fez com que a criança participasse do grupo comendo com os amigos, mesmo trazendo seu lanche de casa, foi se inserindo aos poucos na rotina do grupo.

A continuidade é o processo de inserção. Trazer a continuidade de casa para a escola é importante, assim a criança cria seu espaço, sendo reconhecida sua cultura dentro da creche. Segundo Mantovani, a continuidade para os pequenos, explica-se antes de tudo nos cuidados físicos, quando explica:

Daqui a necessária atenção ao “como a mãe faz”, a identificação de rituais e hábitos a serem repropostos desde o começo, até que ela reconheça também a educadora e possa iniciar a estabelecer um relacionamento específico com ela, acompanhando-a com novos rituais que lhe permitam assinalar o fato de ter-se acostumado com a situação. (MANTOVANI, 1998,p.178).

Segundo Mantovani (1998), esta ligação atenta e cuidadosa, sobre o conhecido e o novo, só acontece quando a educadora se propõe a observar o relacionamento da criança e da mãe juntas, nisso está também a possibilidade de a inserção da criança ser um crescimento e não a interrupção de um processo delicado constantemente construído, e sim, uma experiência de conquista, e não de perda e sofrimento.

No entanto, o questionamento sobre o tempo rígido da inserção mais uma vez aparece como uma insatisfação das famílias, as quais sugerem que esse seja mais flexível e se defina também a partir dos interesses e necessidades das crianças, da escola e das famílias.

A esse respeito, a sexta entrevistada também faz uma crítica ao tempo rígido e uniforme, quando diz:

“Talvez poder olhar mais para cada aluno, olhar para cada caso, mas de qualquer forma, foi bem tranquilo, e também para o meu ponto de vista foi muito fácil. A Amanda, por mim, poderia ter ficado desde a primeira semana, se esse olhar fosse mais individual, mas foi tudo ótimo.” (entrevistada 6).

A fala da entrevistada 6 remete ao que Barbosa (2010) defende sobre a questão do respeito ao tempo de cada criança.

As crianças chegam à escola com organizações de vida diferenciadas, e aos poucos, vão sincronizando com o grupo, isto é, a professora junto com as crianças vai construindo uma vida com tempos compartilhados. Porém, é preciso cuidado para que esse processo não seja invasivo e se tenha atenção às necessidades, ritmos e escolhas individuais da criança. (BARBOSA, 2010, p.9)

Segundo Barbosa (2010), as crianças pequenas necessitam de tempo para brincar, comer e dormir. Tempos de alguma maneira que sejam significativos para o seu aprendizado. As crianças pequenas, principalmente os bebês, tem a tarefa de compreender, identificar e significar o novo mundo, e precisam de tempo para interagir com o novo, observar e criar novas possibilidades.

A escola e os profissionais envolvidos precisam respeitar e tentar compreender esse tempo, pois a pressa, em geral é do adulto, que quer acelerar o processo de inserção, esquecendo-se de contemplar as necessidades da criança.

A quarta entrevistada expõe o desejo de saber mais do que acontece no cotidiano com seu filho na escola. Vejamos:

“É, uma coisa que eu sinto um pouco de falta, mas não sei... É de saber o relato do dia, o que ele fez, hoje ele brincou mais com o amiguinho tal, ele aprendeu a mexer num livro ou apertar, alguma coisa do dia a dia, alguma novidade que ele gostou”. (entrevistada 4).

A escola institui diferentes maneiras para comunicação entre escola e família como: grupos de WhatsApp com as mães, conversas na entrada e saída, marcação de reuniões disponível com toda equipe pedagógica. Ainda assim, parece que esses canais não têm sido satisfatórios para as expectativas de socialização das experiências vividas na escola. Algumas experiências como as desenvolvidas no norte da Itália têm revelado uma prática muito elaborada de documentação pedagógica, por meio da qual os professores revelam os processos vividos entre eles e as crianças. Essa documentação é feita por fotografias, vídeos, pelas produções das crianças, por registros escritos pelo professor acerca das curiosidades, descobertas, hipóteses, pesquisas e atividades que envolveram as crianças na escola. Socializar esses registros é importante tanto para o professor e as crianças que conseguem acompanhar o processo vivido como também para as famílias que podem conhecer e se envolver nesses processos quando socializados.

A entrevistada 5, a seguir, me leva a abordar sobre como é fundamental uma relação de afeto e confiança entre educadora, criança e familiares. Essa relação é a base central para este momento de inserção, pois é onde se conquista o primeiro passo de confiança entre todos os membros envolvidos. Ela diz:

“É a minha primeira filha, no começo a gente fica meio assim, na primeira semana mudou a pessoa que ia adaptar, e eu acho que deu uma mexida na cabeça da Olivia. A pessoa machucou o dedo e teve que sair, e nesses dois, três dias eu vi a Olivia passar uma dificuldade. Mas depois se encaminhou, a Olivia meio que escolhe as pessoas, mas eu achei que foi ótimo. É a minha primeira filha e topei qualquer coisa, pessoas que tem mais experiência do que eu.”. (entrevistada 5).

Neste processo é fundamental a construção de vínculos e a troca constante de professora acaba dificultando este laço. Como eu já mencionei no primeiro capítulo a construção de vínculo entre a professora e a criança é essencial neste momento. No período de inserção algumas crianças choram ou ficam retraídas na escola e algumas famílias se sentem inseguras quanto ao acolhimento que será dado aos seus filhos por parte dos profissionais que atuam no espaço escolar. Assim, faz-se necessário que a escola compreenda estes sentimentos e que tenha alguns cuidados para que todos (crianças e famílias) sintam-se acolhidos em suas angústias e necessidades. Por isso, segundo Barbosa (2010) o cuidado que a escola deve ter nesse momento da inserção não se refere somente às crianças, mas também aos familiares que também vivem conflitos, medos e insegurança nesse processo. Por isso, a construção de vínculo com as famílias é muito importante.

Muitas relações se estabelecem numa sala de berçário: relações entre as crianças e entre adultos e as crianças. Porém, as relações que se estabelecem entre os diferentes adultos – pais, professores e demais profissionais- não podem ser descuidadas. Apesar de realizarem atividades diferenciadas, professores, gestores e os diversos profissionais da escola, todos trabalham tendo um objetivo comum: oferecer às crianças e às famílias uma escola de qualidade. Muitas vezes, as dificuldades nas relações entre os adultos acabam afetando o trabalho pedagógico e também as próprias crianças. É indispensável que esses fatos sejam observados e que se criem na escola momentos de formação para partilha das dificuldades e resolução de conflitos, para a comunicação, a integração e comemoração dos êxitos.” (BARBOSA, 2010, p. 6).

Outra questão relacionada ao vínculo, citado também no primeiro capítulo, é a observação. A educadora precisa ficar atenta ao laço familiar da criança com a mãe, e como ela se comporta em outro ambiente, até então desconhecido para ela. (Mantovani, 1998).

2.4 Inserção, um processo permanente

Este momento da entrevista foi o mais surpreendente. As famílias entrevistadas se mostraram extremamente envolvidas com a escola, interessadas no projeto pedagógico, na rotina escolar e principalmente no processo de inserção contínuo das crianças. Algumas mães deixaram a entender que ainda hoje continuam preparando as crianças para irem à escola, no sentido de contribuir para a construção de vínculos e o sentido de pertencimento.

Vejamos nas entrevistas:

“Fiz bastante, **eu falava muito do colégio, eu continuo**, porque assim, a criança nessa idade fica muito doente. Semana passada Catarina veio só um dia, então se você não fala, a memória, acho que é um pouco curta, então esquece. Desde que ela ia entrar no colégio eu falava: “- Olha, a gente vai pra escola”. Eu explicava o momento de entrar, de brincar, falava que ela ia fazer muitos amigos, que tinham umas tias muito legais e até hoje assim, na sexta-feira quando ela leva o livrinho e chega o final de semana a gente lê o livro repetidamente pra ela lembrar do colégio. Ela brinca que nós somos as professoras em casa, leva a mochila, manda eu ver a mochila. Então, o colégio é uma coisa muito presente lá em casa” (entrevistada 1).

“**Eu converso com ele, sempre falo da escola “X”**, que ele vai pra escola, que ele vai almoçar por aqui, e a noite quando eu coloco ele pra dormir e está meio agitadinho coloco ele no meu colo e falo como vai ser o dia de amanhã, dizendo: “ Amanhã você vai acordar, vai acontecer isso, papai vai te levar para o colégio , a Ana Carol vai te pegar na porta, você vai lancha” falo tudo que vai acontecer no dia a dia.” (entrevistada 4).

“Eu preparo tanto, que depois da escola eu falo: “-Olha, amanhã vamos voltar pra escola, vamos ver a tia tal, aqui é a escola, **faço durante o dia a dia mesmo e antes de vir**, eu falo: “- Vamos ir para a escolinha”, pra fazer parte da rotina dela, pra ela entender o que é o dia.” (entrevistada 6).

Este processo de inserção não tem dependido só das educadoras e sim das mães da escola pesquisada que ajudam positivamente; isso é frequente, mesmo tendo encerrado o período de “adaptação” da escola, o que indica que a inserção é um processo contínuo. Concordo com Mantovani (1998), quando explica sobre as crianças e o processo do novo:

Não é infrequente, enfim, que as crianças, depois de um começo de grande entusiasmo com a creche, quando pedem para “ficar com as crianças”, atravessem uma crise de recusa, ao perceber que a mudança é permanente e que a mamãe irá embora. Para superar a crise já deve existir um relacionamento com a educadora: após superá-la, com a segurança do relacionamento com o novo adulto, as crianças dirão: “_ Vou com a educadora”. Poderíamos dizer que, neste ponto, a consciência das relações permitiu uma real inserção. (MANTOVANI, 1998, p.18).

As famílias mostram a importância de serem parceiras no processo permanente de inserção, motivando as crianças a cada dia a ter mais vontade ir para escola.

Com os relatos das entrevistadas, observei a importância da construção de vínculo com a escola, que é contínua e não acaba no período determinado para a inserção. As mães continuaram a preparar as crianças para irem para escola e se

preocupam em estar cuidando dessa relação casa - escola, o que é algo fundamental. A construção de vínculo positiva com a escola foi constante e retratada por essas famílias que se preocuparam com a compreensão de inserção numa perspectiva de continuidade. Por isso, como afirma Barbosa, é tarefa primordial da educação, especialmente na educação infantil, cuidar das relações e criar vínculos com as crianças e suas famílias que possibilitem sentimentos de pertencimento, confiança, afeto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo central refletir e analisar o que as famílias pensam e como vivem o processo de inserção dos seus filhos na creche. Aprofundando sobre os debates de família e escola, este trabalho mostra um espaço de escuta das famílias entrevistadas para entender seus anseios, desejos, descobertas e opiniões sobre o período de inserção na Educação Infantil.

Estudos (MONOMI, 1998; MONTOVANI, 1998) indicam o quanto é amedrontador tanto para os pais como para as educadoras esse processo de inserção. Ao ouvir as famílias, pude perceber fatores que contribuem positivamente e outros que dificultam esse processo.

Destaco como aspectos positivos ressaltados pelas mães a boa comunicação com a escola, a confiança nas educadoras, o espaço ser pequeno e acolhedor, o processo ser progressivo.

Como fatores que dificultam o processo, as mães destacaram, principalmente, o tempo rígido de inserção estabelecido pela escola. A escola ainda luta pela permanência de regras sem exceções e as famílias ainda se sentem desconfortáveis para expor suas opiniões, anseios e até sugestões que possam facilitar este processo. Acredito que a escola possa permitir mais meios de comunicação, além de reuniões para os pais se sentirem mais ativos e participativos no ambiente escolar. Destaco a sugestão de a escola propor novos meios de documentação das experiências vividas pelas crianças nesse período para que sejam socializadas com as famílias.

Uma das dificuldades encontradas na pesquisa foi o fato de eu ser pesquisadora e, ao mesmo tempo, professora. Durante a conversa, percebi um pouco de anseio das mães em expor suas sugestões, dificuldades, curiosidades, por eu ser professora da escola. Acredito que essa dinâmica teria sido mais satisfatória se eu tivesse um pouco mais de tempo com cada mãe e pudéssemos, juntas, aprofundar a conversa sobre as questões. Ainda assim, percebi que as famílias contribuíram para o desenvolvimento

dessa pesquisa e que todo trabalho foi válido e contribuiu para que eu compreendesse melhor a visão que elas têm sobre a inserção.

Enfim, a elaboração desta pesquisa me fez refletir mais sobre a inserção e o que nós, futuros pedagogos, podemos fazer para que esse processo seja mais tranquilo e leve para ambos, escola e família. Ouvir e conhecer sobre como as famílias vivem e sentem esse processo é um primeiro passo para isso. Entretanto, esta pesquisa, não esgota o tema e minha relação com ele. Vejo que a inserção e a relação escola e família ainda é pouco discutida nas instituições acadêmicas e, principalmente escolares, e sua importância merece estudo e reflexão constante. “A interação da escola com as famílias é tão importante que vem sendo considerada como um dos critérios fundamentais na avaliação de qualidade das creches.” (BARBOSA, 2010, p. 7).

Referências bibliográficas

BARBOSA, Maria Carmem. **Especificidades da ação pedagógica com os bebês.** ANAIS do I Seminário Nacional: Currículo em Movimento. Perspectivas Atuais. Belo Horizonte, novembro de 2010.

BONDIOLI, Anna. **Manual da educação infantil: de 0 a 3 anos- uma abordagem reflexiva** / Anna Bondioli e Susanna Mantovani; trad. Rosana Severino Di Leone e Alba Olmi- 9.ed.- Porto Alegre: Art Med, 1998.

CERISARA, Ana Beatriz. **Educar e cuidar: por onde anda a educação infantil?** PERSPECTIVA. Florianópolis, n. 17, n. Especial, p. 11 - 21, jul. /dez. 1999.

GUIMARÃES Daniela & BARBOSA Silvia. **Cadê a Viviane? Cadê a Ingrid? – visibilidade E invisibilidade das crianças na creche** IN: KRAMER Sonia (org) *Retratos de um desafio: crianças e adultos na Educação Infantil*. São Paulo: Ática, 2009.

GUIMARÃES, Daniela. **Relações entre bebês e adultos na creche: o cuidado como ética/** Daniel Guimarães. – São Paulo: Cortez, 2011.

PAIXÃO, Lea Pinheiro. Compreendendo a escola na perspectiva das famílias. In: MULLER, M.L.R. e PAIXÃO, L.P. (orgs.). **Educação, diferenças e desigualdades.** Cuiabá: EdUFMT, 2006.

MAISTRO, Maria Aparecida. **Relação creche e família: a quantas andam?** PERSPECTIVA. Florianópolis, v. 17, n. 31, p. 49 -59, jan./jun. 1999.

REIS, Lucilaine. M. da Silva. **Inserção e vivências cotidianas: como crianças pequenas experienciam sua entrada na educação infantil?** (mimeo).

ANEXO

Roteiro das entrevistas:

- 1- Por que você escolheu a escola “X”?
- 2- O que você espera da Escola neste momento de adaptação?
- 3- Como você se sentiu no momento de Adaptação do seu filho na Escola?
Quais foram as dificuldades?
- 4- Você faz algum tipo de preparação com a criança pra enfrentar esse momento de adaptação?
- 5- O que você considera que poderia ter sido diferente no período de adaptação? Tem alguma crítica ou sugestão que você possa dar?
- 6- Existe algum canal de troca entre escola e família pra você compartilhar os dilemas e as dificuldades?
- 7 - A família procura conhecer o que acontece dentro da Escola?